

Comunicação

A mulher que gosta do urbano

Patrícia Robalo

O título é uma provocação. Talvez não fosse necessário dizer mas é também uma proposta de debate e releitura dos pressupostos de um título que influenciou tantos Arquitectos a gostar de cidades. A comunicação ao Congresso que aqui se resume, propõe explorar o papel identitário da cidade para a formação intelectual e reconhecimento social do Arquitecto e da sua profissão. Isto é, o que significa hoje falarmos de *cidade*? Propomos três níveis de exploração; O espaço urbano contemporâneo; O espaço urbano contemporâneo enquanto objecto de investigação Arquitectónica; A investigação enquanto prática Arquitectónica.

A cidade é uma palavra e uma ideia importante para a Arquitectura. Reúne não só a representação de um espaço com características específicas como continuidade espacial, centro, limite identificáveis e organização social clara, como representa, a obra maior da Arquitectura, a construção de um lugar público, colectivo, democrático. Como vários autores debatem desde o início do século passado (Mumford, Lefebvre, Choay, Koolhaas, Gregotti entre tantos outros) a complexidade e metamorfose dos espaços urbanos contemporâneos colocam o significado e pertinência de *cidade* em causa. Em processos de pesquisa académica, científica e de projecto, pelo menos desde o plano de Cerdá em Barcelona ou

a Carta de Atenas, a Arquitectura e outras disciplinas procuram soluções, novas perspectivas para um objecto de estudo em profunda transformação. Hoje habitamos e construímos um espaço urbano, cada vez mais extensivo, fragmentado e heterogéneo. Resultado de processos de localização, implantação, administração e projecto quase indiferentes às características do lugar ou a qualquer ideia integrada de espaço urbano, políticas públicas ou planeamento. Dependentes essencialmente das conexões tecnológicas (redes várias de comunicação e transporte), do valor imobiliário, da rapidez de construção ou de qualquer outra decisão particular. Poderíamos pensar também que o crescimento aleatório do urbano seria fenómeno específico dos espaços urbanos de maior escala, com mais população, mais pressão, problemas mais complexos. Contudo, a extensão urbana sem continuidade espacial, sem construção de comunidade ou lugar, existe em todas as cidades portuguesas. Como exemplos temos as iniciativas privadas tais como a habitação de génese clandestina e especulação fundiária e as iniciativas públicas como processos de zonamento industrial, académico ou comercial. Para representar os espaços urbanos contemporâneos, várias palavras foram inventadas, todas tentando explicar o que melhor

se entende por explosão da cidade e a consequente alteração morfológica-tipológica das formas de construção urbana. *Metapólis, Cidade-território, Metrópole Territorial, Cidade Elementar, Junkspace, Urbano*, etc ... Porquê então continuarmos a falar de cidade?

O urbano é usado por vários autores (Choay, Ascher, Indovina, Portas, Domingues) como uma possibilidade surgida em meio académico ou científico de falarmos da dimensão física e cultural da condição urbana. Pois permite, apreender a diversidade dos espaços urbanos

pelo entendimento que o saber Arquitectónico e Urbanístico têm vindo a formar sobre esta temática. O espaço urbano tomado como objecto de investigação apresenta-se assim essencial para tentarmos compreender a desadequação; das ferramentas clássicas de desenho, plano, análise morfológica; de imposição, ordem, controlo, ruptura com um território na maior parte das vezes já ocupado; do quadro conceptual e teórico legitimador de muitas políticas públicas e decisões administrativas. Contudo, o trabalho de investigação sobre o tema da urbanização permite fundamentalmente, questionar o posicionamento, o conhecimento e as ambições disciplinares da Arquitectura. Porque coloca o olhar do Arquitecto sobre espaços que

Comunicação

A mulher que gosta do urbano

podem não ter génese em obra de Arquitectura, que não constroem um lugar e que alteram radicalmente a possibilidade e pertinência de um projecto colectivo urbano mas que transformam qualquer ideia de espaço urbano, espaço público, projecto urbano, etc...

A investigação em Arquitectura, nas suas várias vertentes e modos, permite recentrar constantemente o debate, testando os limites da reflexão Arquitectónica e a capacidade de intervenção do Arquitecto no mundo que o rodeia. É um campo de trabalho que tem vários reflexos no reconhecimento social da nossa profissão. Entre os quais, como produtor; de processos de conhecimento individual e também colectivo sobretudo em âmbito académico; de formas e métodos de fazer investigação científica Arquitectónica; de linguagem, discurso, formas de debate alargado sobre os seus conteúdos; de informação, recursos humanos e estruturas de investigação capazes de contribuir para o desenvolvimento cultural, artístico e social para uma ideia prospectiva de transformação, de futuro.

A opção pelo painel Acontecer para esta intervenção prende-se com a diferença que poderá existir em relação à apresentação de outras práticas de Arquitectura. E com a possibilidade de o debate ser enriquecido com a complementaridade ou distinção de várias formas de fazer a Arquitectura Acontecer.